



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DE GÊNERO
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EaD GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

THIAGO LINHARES WEBER

**A UMBANDA NA SALA DE AULA: A RELAÇÃO DE ALUNOS
UMBANDISTAS COM A SUA RELIGIOSIDADE DENTRO DE UMA TURMA DO
PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO.**

FLORIANÓPOLIS

2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

WEBER, Thiago Linhares

A umbanda na sala de aula : a relação de alunos
umbandistas com a sua religiosidade dentro de uma turma do
Primeiro Ano do Ensino Médio. / Thiago Linhares WEBER ;
orientador, Eduardo Meinberg de Albuquerque MARANHÃO -
Florianópolis, SC, 2016.

41 p.

Monografia (especialização) - Universidade Federal de
Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.
Curso de Especialização EaD Gênero e Diversidade na Escola.

Inclui referências

1. Gênero e Diversidade na Escola. 3. Umbanda. 4.
Diversidade Religiosa. 5. Ambiente Escolar. I. MARANHÃO,
Eduardo Meinberg de Albuquerque. II. Universidade Federal
de Santa Catarina. Especialização EaD Gênero e Diversidade
na Escola. III. Título.

THIAGO LINHARES WEBER

**A UMBANDA NA SALA DE AULA: A RELAÇÃO DE ALUNOS
UMBANDISTAS COM A SUA RELIGIOSIDADE DENTRO DE UMA TURMA
DO PRIMEIRO ANO DO ENSINO MÉDIO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito para
obtenção do título de Especialista em
Gênero e Diversidade na Escola (GDE).

Aprovado em 17 de dezembro de 2016.

Coordenação do Curso:

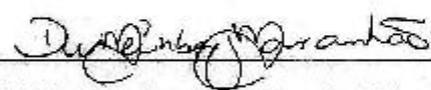


Olga Regina Zigelli Garcia

Banca Examinadora:



Tania Welter



Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho



Fatima Weiss de Jesus

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Isonete Vilvert Weber, que, nesses dois anos de GDE, foi minha colega de curso, minha amiga, parceira, conselheira; minha noiva e, também durante o curso, minha esposa e grande amor. Sem ela ao meu lado, já teria desistido dessa jornada.

Agradeço à minha família. Meu pai por sempre apoiar e auxiliar dando carona a mim e minha esposa para as aulas presenciais na UFSC. À minha mãe por aturar meu nervosismo e estresse nos momentos de tensão e momentos “apertados” de entrega de atividades. E à minha irmã e sobrinha por terem me apoiado mesmo na pouca atenção dada a elas enquanto produzia meu TCC.

Agradeço ao meu orientador Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho, que mesmo antes desse curso, já me dava bons conselhos nos diversos GT’s de História das Religiões e Religiosidades que participei durante minha Graduação em História.

Agradeço também à Escola, local de minha pesquisa, que me abriu as portas, me dando liberdade para tal. À direção, às colegas professor@s¹ que auxiliaram e principalmente às alun@s que se disponibilizaram à participarem da primeira fase da pesquisa e, em especial, à turma 14, que foi muito solícita e atenciosa participando da segunda fase da pesquisa, sendo a base para a produção desse trabalho, sem el@s este não existiria.

Por fim, agradeço à Secretaria de Estado da Educação (SED) E À Gerencia Regional de Educação (GERED), que autorizaram o desenvolvimento dessa pesquisa. Aos servidor@s da GERED que foram muito prestativ@s e atencios@s, me orientando e dando conselhos que foram essenciais para a produção do trabalho.

Registro aqui um agradecimento especial pelo financiamento dado ao Curso de Especialização EaD em Gênero e Diversidade na Escola da Universidade Federal de Santa Catarina (GDE/UFSC) através do Fundo Nacional para o Desenvolvimento da Educação (FNDE) gerido pela SECADI/MEC (Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão do Ministério da Educação) na gestão da presidenta Dilma Rousseff (2011-2015), sem o qual seria impossível a operacionalização de um curso de dois anos de duração em cinco cidades de diversas regiões do estado de Santa Catarina. Agradecemos, sobretudo, os investimentos que durante os últimos 13 anos possibilitaram a expansão de políticas públicas de combate à fome, ao racismo, sexismo, lesbofobia, homofobia, transfobia

¹ Por iniciativa de incentivar a inclusão da mulher nos textos acadêmicos, farei uso da linguagem inclusiva de gênero, utilizando o símbolo @ (arroba) para designar juntamente os gêneros masculino e feminino e nos casos de impossibilidade da utilização deste símbolo (como no caso de artigos com crase), privilegiar o gênero feminino.

e ao capacitismo. Infelizmente, a conjuntura política no último ano quase impossibilitou a conclusão desta 3ª edição do GDE, sobretudo depois da extinção da SECADI, que foi criada em 2004 e que possibilitou a realização de centenas de cursos com temáticas que versavam sobre diferenças, desigualdades e direitos humanos em todo o Brasil. Uma política de governo que infelizmente não se concretizou em uma política de Estado, ao contrário, vem sendo extinguida e criminalizada por diversos setores conservadores na sociedade. Que essa especialização seja lembrada como um espaço de resistência e de luta por uma sociedade mais justa e igualitária.

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo o estudar @s alun@s umbandistas de uma turma do Primeiro ano de Ensino Médio da Rede Estadual de Educação de Santa Catarina. Analisar o comportamento dess@s alun@s umbandistas perante suas colegas de classe e professor@s em relação à sua religião. Valendo-se de pesquisas estatísticas com as turmas deste colégio e entrevistas individuais com @s alun@s desta turma, identificar os estudantes umbandistas e entender as diferentes formas utilizadas por el@s para tornar invisível sua religião; assim como a relação desta invisibilidade com a “pedagogia do insulto” proposta por Junqueira.

Palavras-chave: Umbanda; Diversidade Religiosa; Ambiente Escolar.

ABSTRACT

This study aims to study the Umbandist students of a class of the First Year of High School of the Public Education Network of Santa Catarina. Analyze the behavior of these Umbandist students before their classmates and teachers in relation to their religion. Making use of statistical research with the classes of this college and individual interviews with the students of this class, to identify the umbandist students and to understand the different forms used by them to make your religion invisible; As well as the relation of this invisibility with the "pedagogy of insult" proposed by Junqueira.

KEYWORDS: Umbanda; Religious Diversity; School Environment.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1. A UMBANDA E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA.....	14
2. A DIVERSIDADE RELIGIOSA NAS ESCOLAS.....	20
3. @S ALUN@S UMBANDISTAS.....	25
3.1. PRIMEIRA FASE: RESULTADO E ESPECIFICAÇÕES.....	25
3.2. A ESCOLHA DA TURMA 14.....	27
3.3. SEGUNDA FASE: REVELAM-SE @S UMBANDISTAS.....	27
3.4. A PEDAGOGIA DO INSULTO.....	33
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	38
6. ANEXOS	40

INTRODUÇÃO

“Professor, qual a sua religião”? “Professor, o que é esse cordãozinho branco no seu pescoço”? “Professor, o professor é da Umbanda”? Perguntas frequentes d@s alun@s feitas a mim, umbandista e professor de História na Rede Estadual de Educação. Perguntas que vêm acompanhadas de afirmações: “Ui, isso é coisa de macumba”! “Eu vi um ‘trabalho’ de macumba em uma esquina no caminho do colégio”. “Essas coisas são coisas do demônio”. As perguntas eu respondo com naturalidade e as afirmações eu corrijo com calma, demonstrando o preconceito e salientando a diversidade religiosa presente em nossa sociedade.

Também escuto afirmações preconceituosas nas conversas paralelas entre @s alun@s durante a aula; nestes momentos pauso minha aula, de certa forma me “intrometo” na conversa me afirmando como umbandista, fazendo questionamentos necessários para um breve debate e uma breve explicação sobre o tema, um deles é: “Quem aqui é umbandista ou frequenta alguma Religião de Matriz Africana?” Um@ ou duas respondem positivamente; outr@s comentam que a sua mãe ou pai frequentam, às vezes até um@ ti@; umas abaixam a cabeça, talvez em uma atitude de constrangimento; outr@s demonstram uma expressão que acredito ser de rejeição; e algumas retornam com as afirmações preconceituosas.

Depois da breve explicação e debate sobre o tema, retorno ao assunto que estávamos estudando. Ao bater o sinal para o intervalo algumas alun@s me procuram, normalmente aquel@s que se afirmaram umbandistas, @s que possuíam alguém da família que frequenta a religião, mas às vezes também, aquel@s que pareceram mostrar-se constrangid@s. Est@s últim@s vêm dizer que também frequentam a religião e, assim como os outr@s que vieram me procurar no intervalo, conversam sobre os terreiros² frequentados, os Orixás³ e diversos assuntos relacionados à Umbanda.

Bem, sei que me alonguei um pouco, mas este foi um breve relato de meu dia a dia como professor e umbandista. O preconceito às Religiões de Matriz Africana apresenta-se evidente, porém, o que mais me chama a atenção é a omissão d@s alun@s umbandistas. Passo assim a me questionar o quanto de alun@s que frequentam religiões de Matriz Africana se omitindo e não participando dos debates.

² **Terreiro:** Conjunto dos terrenos e casas onde se processam as cerimônias religiosas e os preparativos para as mesmas nos cultos afro-brasileiros, tanto no Candomblé como na Umbanda e outros (CACCIATORI. 1977, p. 236).

³ **Orixás:** Divindades intermediárias Iorubanas, excetuando Olórum, o Deus Supremo (Ibid. p. 197).

Partindo de uma experiência subjetiva, percebo que em meio à comunidade umbandista⁴ que frequento, a grande maioria d@s adept@s se definem não como praticantes da Umbanda em específico e sim como espíritas. Ainda não tenho como confirmar, mas me pergunto se tal atitude está presente entre @s alun@s. Será que o fato de se definir como Espírita e não como praticante da Umbanda é de certa forma, um modo de se tornar invisível, omitindo e escondendo ainda mais, não só o número de adept@s, mas também a religião em si?

O censo do IBGE de 2015 coloca a porcentagem de umbandistas no Estado de Santa Catarina em 6%, e a de espíritas em 18% (IBGE, 2015); partindo de minha modesta experiência como professor e umbandista, me pergunto: “será que a porcentagem de umbandistas apresentada pelo censo não seria mais elevada?” Devido ao curto espaço de tempo e o objetivo desta especialização voltar-se para à diversidade nas escolas não conseguirei responder a tal questão. Mas voltando-me para uma turma de uma Escola de Ensino Médio do Estado de Santa Catarina buscarei chegar a hipóteses que respondam as questões que propus nos parágrafos acima. Principalmente, partindo desse estudo de caso, responder se alun@s umbandistas se mantêm escondid@s em meio à classe, ou se a comunidade em questão realmente se mostra pequena; e, conseqüentemente, analisar como é o comportamento de alun@s umbandistas dentro da sala de aula, seja em relação a si mesm@ e/ou em relação a suas coleg@s e professor@s.

Com o objetivo de facilitar a pesquisa e me sentir mais à vontade nas “saídas de campo”, a escola escolhida foi a que atuo como professor, na disciplina de História, uma Escola de Educação Básica do Estado de Santa Catarina, lotada na cidade de São José.

Pelos mesmos motivos citados acima, optei por investigar as turmas do período da manhã, que são com as quais atuo, totalizando 11 turmas: cinco primeiros anos, três segundos anos e três terceiros anos, todos pertencentes ao Ensino Médio, ou seja, alunos e alunas já considerados adolescentes.

Como a pesquisa é um “estudo de caso”, foi escolhido apenas uma turma para se fazer a investigação. E para decidir qual turma seria, foi levado em consideração qual delas possuía o maior número de alun@s que frequentam religiões de matriz africana. Para encontrar a resposta para tal questão foi feito uma breve pesquisa com @s alun@s dessas turmas da manhã. Outra funcionária do colégio passou nas salas distribuindo breves fichas que questionavam se @s alun@s possuem ou não uma religião e, se sim, qual religião el@s têm

⁴ Comunidade umbandista neste caso abrange não somente o terreiro que frequento, mas também os terreiros e adeptos e frequentadores da religião em questão com os quais tenho contato.

acesso. Em tal ficha, não era necessário informar seu nome. Também não era informado às alun@s de que se tratava de uma pesquisa feita pelo seu professor de História, criando-se uma origem qualquer para tal pesquisa. A decisão de não revelar o responsável pela pesquisa foi tomada com o objetivo de influenciar o mínimo possível na resposta d@s alun@s. A turma com o maior número de alun@s umbandistas do período da manhã descobriu-se ser a turma 14 do primeiro ano.

Para tentar responder os questionamentos propostos nessa introdução foi decidido utilizar-se de entrevistas com @s alun@s, que tiveram uma duração com uma média de cinco a quinze minutos cada, sendo feitas com a utilização de um gravador portátil. Buscou-se ter uma conversa o mais informal possível com @ alun@, em um local livre de intromissões e barulhos, para que se pudesse alcançar o máximo de subjetividade possível d@ entrevistad@.

Este Trabalho de Conclusão de Curso é dividido em três capítulos. O primeiro capítulo busca esclarecer as questões voltadas às religiões de matriz africana, mais especificamente a Umbanda (por esta ser a que mais se destaca na Grande Florianópolis), seus mitos de origem, seus conceitos e suas especificidades.

O segundo capítulo tem o objetivo de esclarecer os conceitos de sujeito, religiosidade, a relação destes com a escola, assim como apresentar a ideia de Estado laico e uma breve análise da relação deste com as escolas na atualidade.

O terceiro capítulo está a apresentação dos resultados da pesquisa em si. Inicialmente o resultado do questionário feito com todas as turmas e em seguinte o debate a partir das entrevistas com a turma 14, onde são analisadas as questões propostas nessa introdução, assim como o comportamento d@s alun@s em sala de aula em relação à sua escolha religiosa; claro, sempre focando nas religiões de matriz africana.

Para introduzir o leitor nos conceitos da Umbanda no Brasil utilizo as obras de Patrícia Birman e Emerson Giumbelli; e na Grande Florianópolis, as obras de Vanessa Pedro e Cristiana Tramonte. As obras do intelectual umbandista Giovane Martins, são utilizadas principalmente para abordarem os mitos da Umbanda, seja na Grande Florianópolis ou no Brasil como um todo, sempre cruzando com a teoria de mito fundador trazido por Marilena Chauí. Em relação às transformações ocorridas na Umbanda no decorrer de sua história, aparecem Reginaldo Prandi, Candido Procópio Ferreira de Camargo e Renato Ortiz. E, por fim, os conceitos e termos umbandistas presentes em todo o trabalho são esclarecidos por Olga Gudolle Cacciatore.

O segundo capítulo tem como principal base teórica dois artigos de Tânia Welter, que trazem os conceitos de sujeito, religiosidade e laicidade. Um deles também auxilia no terceiro

capítulo junto a dois textos de Amurabi Oliveira, um artigo e uma resenha que cruzam os temas religião e educação. Junto à resenha feita por Oliveira, vêm como apoio três teóricos que apresentam o chamado “embranquecimento” da Umbanda: Candido de Camargo, Renato Ortiz e Lísias Nogueira Negrão.

É importante salientar nesta introdução que os nomes d@s alun@s entrevistad@s serão mantidos em sigilo, sendo substituídos por nomes fictícios e que tais entrevistas foram realizadas e estão sendo utilizadas nesta pesquisa, pois foram autorizadas pelos pais d@s menores envolvid@s; apenas um dos alunos é maior de idade e também autorizou a realização da entrevista e que esta fosse utilizada na pesquisa.

1. A UMBANDA E AS RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA

Sendo uma Religião de imensa diversidade, a Umbanda é considerada por muitos autores como sendo legitimamente brasileira e por outros, provinda diretamente da África sendo aqui sincretizada, ou como propõe Prandi, ressignificação dos orixás trazidos pelas diversas etnias africanas (PRANDI, 2005); sendo assim denominada como Religião afro-brasileira ou de matriz africana. Porém, como nosso objetivo neste trabalho não é discutir a “verdadeira” origem da Umbanda ou qual a denominação mais apropriada para utilizarmos, decidimos trazer para o leitor uma breve definição de Umbanda:

Religião formada no Brasil (...) por uma seleção de valores doutrinários e rituais, feitos a partir da fusão dos cultos africanos congo/angola, já influenciados pelo nagô, com a Pagelança (...) sofrendo ainda influências dos malês islamizados, do catolicismo e do espiritismo (...) e, posteriormente, do ocultismo. (CACCIATORE, 1977, p. 242)

De acordo com Cacciatore, a Umbanda cultua os Orixás; divindades de origem iorubana que representam os elementos da natureza assim como a vida do ser humano. Também cultua os chamados *eguns* conhecidos como entidades, estas representam espíritos dos antepassados de indígenas (caboclos), escravos (pretos-velhos), crianças (beijadas), assim como exus e pombas giras (espíritos de malandros, prostitutas, ciganos, ciganas e representantes vistos como da mais baixa classe social em busca de “evolução”). Tais entidades vêm a terra, através de incorporações nas praticantes da Umbanda, para dar conselhos e orientar quem as procuram (Ibidem). Passamos assim a considerar a Umbanda uma Religião de matriz africana por esta ser uma miscelânea de religiosidades afro que foram ressignificadas aqui no Brasil.

Assim como diversas outras Religiões, a Umbanda também possui seu “mito fundador”, ou mito de origem. O entendimento de mito, vai aqui além do sentido etimológico da palavra, ele alcança o sentido antropológico do termo, “no qual essa narrativa é a solução imaginária para tensões, conflitos e contradições que não encontram caminhos para serem resolvidos no nível da realidade”. E o termo fundador vem com a ideia de que “esse mito impõe um vínculo interno com o passado como origem, isto é, com um passado que não cessa nunca, que se conserva perenemente presente”. Assim, “mito fundador é aquele que não cessa de encontrar novos meios para exprimir-se, novas linguagens, novos valores e ideias, de tal modo que, quanto mais parece ser outra coisa, tanto mais é a repetição de si mesmo” (CHAUI, 2006, p. 9).

Um dos mitos fundadores da Umbanda de maior aceitação entre pesquisadores e adeptos é o mito de “Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas”. Tendo diferentes versões com diversas variações, o mito de Zélio de Moraes está lotado no

Estado do Rio de Janeiro, no ano de 1908. Uma dessas versões conta que, Zélio (na época com 17 anos de idade) foi atingido por uma estranha paralisia considerada incurável pela medicina da época. Certo dia o jovem avisa aos pais que no dia seguinte estaria curado, o que de fato aconteceu; no outro dia ele estava andando. Surpresos com o acontecido seus pais o levam em uma sessão espírita na Federação Espírita de Niterói. Nesta sessão, realizada no dia 15 de novembro de 1908, Zélio de Moraes incorpora a entidade⁵ Caboclo das Sete Encruzilhadas que diz:

Se julgam atrasados esses espíritos dos negros e dos índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho para dar início a um culto em que esses negros e esses índios poderão dar a sua mensagem e assim, cumprir a missão que o plano espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos encarnados⁶ e desencarnados⁷. E se querem o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, pois não haverá caminho fechado para mim. (MARTINS, 2006, p. 16)

E assim se deu. No outro dia a entidade estava na casa de Zélio anunciando a nova religião que dava espaço para espíritos de negr@s e índi@s trabalharem em prol d@s que necessitavam, sem distinção de cor ou posição social, pois no início do século XX o Kardecismo era uma religião vista como de Classe Média. Esta nova religião, ele chamou de Umbanda. Tal descrição do mito é apresentada em um dos livros de Giovani Martins, um intelectual umbandista⁸ da Grande Florianópolis (Ibid, p. 16 e 17)⁹.

Este mito coloca Zélio de Moraes como uma figura seminal na constituição da Umbanda, porém, o interessante é que a ideia de Zélio estar como o pioneiro da Umbanda no Brasil se mostra relativamente recente, datando da década de sessenta, tanto em escritos acadêmicos como em escritos umbandistas; assim como nos mostra Emerson Giumbelli:

Se observarmos os textos – acadêmicos e umbandistas – que destacam e singularizam, de certo modo, a figura de Zélio de Moraes, podemos notar que datam de um período relativamente recente: todos são posteriores à década de 1960. De fato, ao perscrutar registros anteriores, jamais localizei referências da mesma natureza a Zélio de Moraes. (GIUMBELLI, 2002, p. 189)

⁵ Entidade: Na Umbanda, seres espirituais importantes, mas diferentes das divindades. Podem ter tido vida material, mas são distintos dos espíritos comuns dos mortos. São Cabocl@s, Pret@s Velh@s, Crianças, Exus (CACCIATORE, 1977, p. 113).

⁶ Encarnar: Ato de vir um espírito à vida terrestre, tomando um corpo, ou voltar, num corpo novo, para pagar faltas de vidas anteriores e continuar assim sua evolução espiritual, dentro das leis do Carma (Ibid., 1977, p. 111).

⁷ Desencarnar: Ato do espírito deixar o corpo. Morrer (Ibid., 1977, p. 103).

⁸ Intelectual umbandista: Definido por Artur Isaia como os homens e mulheres que se lançaram ao trabalho exegético, bem como de codificação ritual desta nova religião (ISAIA, 2000, p. 21).

⁹ Para saber mais sobre o mito de Zélio de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas ver: PINHEIRO (2009) (N.a.).

Outra versão da origem da Umbanda também muito aceita apresenta-se de forma mais “concreta”, definindo-se a partir de um caráter de necessidade social. Esta data do século XIX, mais especificamente em 1817 e tem origem no Candomblé que, de acordo com este mito, origina-se especificamente da África:

derivada do candomblé trazido por escravos africanos. Foi numa reunião de grandes babalaôs e babalorixás¹⁰ do candomblé que se decidiu que a religião originária da África teria que ser um pouco modificada porque os hábitos e costumes daqui eram diferentes. (TRAMONTE, 2001. p. 75)

Este, demasiado simplista, não somente no relato em si, mas também na afirmação da origem do Candomblé, afasta-se do conceito espiritualista. Mesmo apresentando-se de forma simples, busca uma explicação de cunho social e, de certa forma, demonstrando a dificuldade que as religiões de matriz africana já enfrentavam devido ao preconceito, que aparece nas entrelinhas do relato acima.

Assim como no Brasil como um todo, a Umbanda na Grande Florianópolis também tem seu relato de origem, com suas personagens de suma importância e suas incertezas devido à falta de fontes. A história que se destaca e que é aceita pela maioria d@s praticantes assim como pela maioria d@s pesquisador@s, tem como principal personagem a pessoa de Malvina Ayroso de Barros, a Mãe Malvina. Seu terreiro, o Centro Espírita São Jorge foi fundado em 1947 no bairro da Coloninha e registrado oficialmente em 1953. Mãe Malvina não só foi a primeira a fundar oficialmente um terreiro de Umbanda, como também se mostra de suma importância para a Religião na Grande Florianópolis, pois, mesmo seu terreiro estando lotado em um local mais isolado, suas sessões passou a serem guiadas pelos atabaques¹¹, instrumentos de extrema importância para o ritual umbandista.

Sim, há relatos de que havia outros terreiros de Umbanda nas regiões próximas do de Mãe Malvina, onde tais instrumentos não eram usados, com o objetivo de fugir do preconceito e até mesmo da perseguição policial e política existente na década de 1940. Assim, Mãe Malvina mostra-se importante por ter sido a primeira a enfrentar o preconceito que era forte naquele período (Ibid. p. 75 á 77).

Além da Umbanda, diversas outras religiões de matriz africana estão presentes na região da Grande Florianópolis: Candomblé e Almas e Angola são uma delas, sendo esta

¹⁰ Babalaô/Babalorixá: Chefe masculino de terreiro, sacerdote que dirige um candomblé, um xangô, ou mesmo certos terreiros de Umbanda. Denominado, popularmente, Pai-de-santo. Dirige tanto o corpo administrativo e auxiliar como o corpo sacerdotal, bem como todas as cerimônias rituais normais ou extraordinárias. (...) A missão excencial, básica, do Babalorixá é promover o culto aos orixás. O chefe feminino de terreiro é a Ialorixá. (CACCIATORE, 1077, P. 59-60).

¹¹ Atabaques: Tambores altos e estreitos, afunilados, de um só couro, usados nos candomblés e, em geral, nos cultos afro-brasileiros (Ibid., 1977, p.54).

última a que mais se destaca na região. Possuindo diversas divergências em relação ao seu próprio nome, como Almas em Angola, Almas de Angola. Utilizaremos o citado inicialmente, Almas e Angola (Ibid. p. 422). Alguns adeptos o consideram como uma ramificação da própria Umbanda. Como propõe a pesquisadora Cristiana Tramonte:

A Umbanda será a pioneira das religiões afro-brasileiras na região [da Grande Florianópolis], abrindo caminho para o surgimento de outros rituais tais como: Almas e Angola, uma variação que vai afirmar-se especificamente em solo catarinense (...); Candomblé, surgido em meados da década de 70 e outros como Omolocô e Cabula, praticadas por poucos grupos. (Ibid. p. 96)

O intelectual umbandista já citado, Giovani Martins, também o considera como uma ramificação da Umbanda: “O Ritual de Almas e Angola, praticado em Santa Catarina, que teve sua origem no Rio de Janeiro, é na realidade uma ramificação da Umbanda, porém com particularidades que o aproximam muito do Candomblé” (Op. Cit. 2006, p. 23).

Durante a apresentação da pesquisa veremos alun@s que fazem questão de especificar que são da “verdadeira Umbanda”, que chamam de Umbanda Branca; mas também, alun@s que não veem tal necessidade.

Assim como a Umbanda tem seus mitos e histórias de origem, Almas e Angola também possui o seu. Tendo origem no Estado do Rio de Janeiro com Pai Luíz D’ Ângelo. Trazido para o Estado de Santa Catarina, mais especificamente para a Grande Florianópolis, por Guilhermina Barcelos, a Mãe Ida, o Ritual se extinguiu em seu Estado de origem e hoje só existe em Santa Catarina, difundido pela própria Mãe Ida. Tal mito possui divergências entre os adeptos, porém, dentre essas informações, apenas em dois pontos há unanimidade: o seu local de origem (Rio de Janeiro) e a responsável por trazê-lo para nosso Estado (Mãe Ida) (Op. Cit. 2001, p. 274). Giovane Martins também propõe outras origens para Almas e Angola e também reforça a citada acima:

A origem do Ritual de Almas e Angola no Rio de Janeiro, ainda hoje é motivo de questionamento. Há quem afirme ter surgido da Cabula, movimento religioso oriundo do sincretismo afro-católico ocorrido no período da escravidão, outros acreditam que tenha surgido nas áreas urbanas, como ramificação da Umbanda do Caboclo das Sete Encruzilhadas. Mas, em comum, quase todos aqueles que praticam o Ritual de Almas e Angola em Santa Catarina, concordam com a ideia de ter sido criado por Pai Luiz D’Ângelo, no Rio de Janeiro na década de 1930. (Op. Cit. 2006, p. 24)

É interessante comentar que a linha entre a Umbanda de Mãe Malvina e a trazida por Mãe Ida é muito tênue; e como cada terreiro funciona de forma autônoma, independentes entre si, seja afirmando-se de Umbanda ou Almas e Angola, esta linha movimenta-se de

terreiro para terreiro; tal conceito é chamado por Cândido Procópio Ferreira de Camargo de *continuum religioso* (CAMARGO, 1961).

De acordo com a pesquisadora Vanessa Pedro, em seu Trabalho de Conclusão de Curso de Jornalismo pela UFSC, ela esteve junto à família e ao terreiro de uma das mais importantes Mães de Santo da Grande Florianópolis, Mãe Ilca e, a partir de sua pesquisa, numerou três características que distinguem Almas e Angola dos outros Rituais, mais especificamente da “Umbanda tradicional”:

A linha de Almas e Angola praticada na maior parte dos terreiros de Florianópolis, tem algumas características próprias: o culto a exus e pombas-giras¹² como entidades¹³, (...) o uso da ‘matança’¹⁴ como uma de suas práticas (...) e utilizam partes do cadáver de um indigente no assentamento do terreiro (PEDRO, 1999, p. 78 e 79).

Tais características não devem ser consideradas exigências para um terreiro de Almas e Angola pois, como dito anteriormente, cada terreiro possui a sua autonomia e, considerando a individualidade de cada adept@, no caso desta pesquisa, de cada alun@ que afirma-se umbandista; o *continuum religioso* de Camargo passa a ser aplicado.

A Umbanda, assim como o próprio Candomblé, as religiões de matriz africana como um todo, depois de ter passado pelo processo de sincretismo, ressignificando seus orixás, passaram por um processo de “embranquecimento” e, na atualidade, estão no caminho da “reafricanização”, se aproximando novamente de elementos afros, como coloca Prandi:

(...) ao longo do processo de mudanças mais geral que oriento a constituição dos deuses africanos no Brasil, o culto aos orixás primeiro misturou-se ao culto dos santos católicos para ser brasileiro, forjando-se o sincretismo; depois apagou elementos negros para ser universal e se inserir na sociedade geral, gestando-se a umbanda; finalmente, retomou origens negras para transformar também o candomblé em religião para todos, iniciando um processo de africanização ou dessincretização para alcançar sua autonomia em relação ao catolicismo. Nos tempos atuais, as mudanças pelas quais passaram essas religiões são devidas, entre outros motivos, à necessidade da religião se expandir e se enfrentar de modo competitivo com as demais religiões. A maior parte dos atuais seguidores das religiões afro-brasileiras nasceu católica e adotou a religião que professa hoje em idade adulta. Não

¹² Exu: Espíritos das trevas, do baixo mundo astral, no sexto plano da hierarquia espiritual: alguns, intermediários, já em estágio evolutivo, trabalham ainda para o mal, mas também desfazem o mal quando para isso dirigidos; outros permanecem estacionários. Estes são exus pagãos, enquanto os primeiros são ditos exus batizados (Ibid., 1977, p. 120). Pombas-gira: Exu feminino (Ibid., 1977, p. 213).

¹³ Entidades: Na Umbanda, seres espirituais importantes, mas diferentes das divindades. Podem ter tido vida material, mas são distintos dos espíritos comuns dos mortos. São Caboclos, Preto-velho, Crianças, Exus (Ibid. 1977, p. 113).

¹⁴ Matança: Ato de sacrificar ritualmente os animais, de duas e quatro patas, prediletos dos orixás (Ibid., 1977, p. 171).

diferente para evangélicos e membros de outros credos. (2004, p. 224, apud OLIVEIRA, 2014, p. 178)

Talvez essa volta das religiões de matriz africana às suas origens seja demonstração de um resultado da luta contra os preconceitos, proporcionando maior liberdade e aceitação na sociedade, mas também entre suas próprias fiéis, que passam a vê-la como uma religião que tem sim suas origens na cultura negra.

2. A DIVERSIDADE RELIGIOSA NAS ESCOLAS

Á alguns dias recebi um vídeo por uma rede social que me chamou muito a atenção, este era intitulado “Ninguém nasce racista, continue criança”, e apresentava um teste feito com crianças de diferentes idades, gêneros e grupos étnicos. Às crianças era informado que iriam contracenar com uma mulher negra que ficava em sua frente; em dois minutos teriam que decorar o máximo de frases possíveis e fazer a cena, ali, naquele momento. Ao lerem o breve texto percebiam que as frases contidas neles eram de teor racista. No momento de dizerem as falas diretamente para a mulher negra, as crianças não conseguiam, se negavam, sentiam vergonha e até mesmo choravam. Ao serem questionadas do por que se negavam a atuar, estas diziam que eram coisas feias, que não deviam ser ditas, coisas preconceituosas e racistas; algumas até mesmo passavam a relatar experiências de racismo que vivenciaram em suas vidas.

Este foi um vídeo produzido para ser transmitido no programa/projeto Criança Esperança 2016, da Rede Globo de Televisão que, como diz o título, busca demonstrar que preconceito racial se aprende; não se nasce com ele; como já afirmou o líder revolucionário da África do Sul, Nelson Mandela: “Ninguém nasce odiando outra pessoa pela cor de sua pele, por sua origem ou ainda por sua religião. Para odiar, as pessoas precisam aprender; e, se podem aprender a odiar, podem ser ensinadas a amar.” (Apud. WELTER, 2015, p. 15)

Assim como nos mostra o vídeo citado, e também como a fala de Mandela, as crianças aprendem a serem racistas, muitas vezes antes mesmo de saberem o que é racismo ou se ele existe. É um aprendizado que adquirem em seu dia a dia, em casa, na escola, com as mães, amigos, professor@s; com tudo que está a sua volta, televisão, internet, livros, brinquedos. Tal aprendizado acontece porque as crianças são “sujeitos sociais”, ou seja, agentes inseridos em uma teia de relações onde, tanto elas quanto os outros agentes não estão totalmente livres para atuarem apenas partindo de suas vontades, pois estão inseridos dentro de relações mútuas. Shery Otner é quem propõe a utilização deste conceito de sujeito, o considerando o mais adequado para trabalhar os sujeitos que atuam dentro da escola.

Sujeitos sociais são agentes inseridos em teias de relações de afeto, solidariedade, poder e rivalidade. Não são agentes totalmente livres, nem para formular e atingir suas metas, nem para controlar suas relações, e atuam dentro de teias de relações que compõem seus mundos sociais. Essa categoria parece adequada para entender os sujeitos-agentes da escola, que sabemos que possuem desejos, intenções, objetivos e projetos em constantes e dinâmicas disputas com outros sujeitos: estudantes, educadoras/es, pais e legislações. (OTNER, 2004 apud WELTER, 2015, p. 15)

Percebemos assim que tais sujeitos sociais são diversos e esta diversidade é criada por estes estarem inseridos nesta teia de relações, o contato mútuo dentro desta teia social é que os tornam diferentes entre si. E um dos principais locais de relações desses sujeitos sociais é a escola. Entre os sujeitos que compõe a escola existem diferenças sociais e históricas; também existem diversidades em seus corpos, desde as questões de gênero, etnia e religião; assim como as diversidades de escolha, desde comportamento, identidade e até mesmo de consumo; como propões Welter:

Falar sobre educação escolar implica reconhecer: (a) as diferenças sócio históricas das/os sujeitos que compões a escola – estudantes e educadoras/es; (b) que seus corpos são genereificados, sexualizados, racializados, marcados por especificações sociais de gênero, orientação sexual, raça, etnia, religião, classe social e outras; e (c) dessemelhanças nas nomeações, representações e identidades que dizem respeito a estilos de vida, preferências estéticas, imagens corporais, acesso a bens materiais, entre outras. (WELTER, 2015, p. 15)

A diversidade está presente hoje nas escolas, seja ela, cultural, racial, étnica, de gênero, social, de ideais ou religiosas. Talvez, o forte preconceito presente em nossa atualidade social, grande parte dele tenha sido criado ou influenciado nas escolas. O desenvolvimento educacional junto ao histórico das escolas no passar dos séculos vem vindo reforçando uma divisão baseada na diversidade dos sujeitos sociais. Durante séculos, os conceitos educacionais vieram lotados por ideais etnocêntricos, masculinos e burgueses, todos baseados por conceitos cristãos. Desde seu início até durante muito tempo, as escolas distinguiam quem iria ter ou não acesso a ela, seja através da idade, do grupo étnico, da religião, da classe social ou do gênero. Muitas vezes, tais divisões eram apoiadas até mesmo por leis.

Em meio a isso tudo, tais divisões escolares se mostraram muito mais profundas no decorrer da História, atingindo diretamente características culturais de diferentes sujeitos sociais que estiveram presentes na História do Brasil.

Neste cenário, crianças com deficiências ou com diferenças comportamentais e emocionais foram, por muito tempo, excluídas do convívio com outras crianças. Grupos étnicos foram proibidos do uso de suas línguas maternas, como nos casos dos indígenas, dos descendentes de africanos ou dos imigrantes de europeus e asiáticos. Além disto, grande parte dos conteúdos da escola e livros didáticos pautava-se por uma visão etnocêntrica, masculina e burguesa na qual a liberdade religiosa era restrita aos praticantes do seguimento religioso dominante – cristão. (Ibid. p. 16)

Percebemos assim que durante muito tempo a religiosidade esteve e ainda está presente nas escolas, tanto no livro didático, nas atitudes d@ profess@r para com @s alun@s

quanto no fato de a escolha religiosa d@ alun@ ser levada em conta para a aceitação ou não dest@ em respectivo colégio. Foi com a Proclamação da República, que o Brasil se tornou um Estado laico e conseqüentemente a escola pública também o foi. Mas será que a laicidade garante o fim da discriminação religiosa dentro das escolas? Antes de entrarmos nesta discussão, vamos apresentar o conceito de religiosidade utilizado neste trabalho, assim como o quão subjetiva se mostram as identidades religiosas as quais cada sujeito social escolhe ou não aderir.

Como foi visto anteriormente, uma das diversidades destes sujeitos sociais que estão inseridos dentro das escolas está voltada para as religiosidades. Oliveira entende religiosidade como:

o conjunto socialmente difuso de sentimentos, crenças e práticas referentes ao sagrado que podem ou não institucionalizar-se em sistemas e organizações religiosas (...). Cabem neste campo tanto as formas religiosas institucionalizadas quanto as expressões do sagrado não estruturadas, inclusive aquelas que não se reconhecem a si como propriamente religiosas. (Oliveira. 1999 apud WELTER, 2015. p. 18)

Assim, a religiosidade não está somente relacionada a instituições, ela também pode abranger sentimentos relacionados ao sagrado que não obrigatoriamente sentem-se pertencentes a uma religião ou até mesmo consideram-se como uma religião. Porém, o que mais nos será interessante neste trabalho, serão as religiosidades ligadas intrinsecamente com as religiões, pois essas nos levarão diretamente as identidades religiosas que, como veremos, se mostrará bastante subjetivas.

A identidade religiosa pode ser subjetiva, mas provém do contato do sujeito social com o coletivo. Este coletivo apresenta-se através de princípios, valores, práticas, símbolos e rituais religiosos. Este contato com o sagrado através do coletivo pode ou não ser aceito pelo sujeito, se sim, ele acontece através da família e da comunidade que o rodeia ou através das próprias instituições religiosas. No caso de crianças e adolescentes, o sagrado é quase sempre conhecido através do coletivo familiar. (WELTER, 2015. p. 18)

Tal identidade religiosa é levada para a escola pela criança e, como vimos lá, ela passa a ter contato com outros sujeitos que, juntos, se influenciam mutuamente. Porém, como comentamos anteriormente, vivemos em um Estado laico e as escolas de caráter público deveriam acompanhar tal laicidade, evitando que as identidades religiosas de seus alun@s sejam atingidas pelo preconceito que é construído por uma sociedade burguesa, masculina e etnocêntrica, estes, presentes nas escolas dominadas pelos ideais cristãos. Mas, infelizmente, a laicidade não garante o fim da discriminação religiosa.

O conceito de laicidade exige do Estado brasileiro a não existência de uma religião oficial (como existia no período monárquico de nossa História) e, ao mesmo tempo, garante às cidadãs brasileiras a liberdade de crença, seja ela religiosa ou agnóstica. Como nos coloca Welter:

A laicidade é um dispositivo político que organiza as instituições básicas e públicas do Estado (como cortes, hospitais, escolas) e regula seus funcionamentos quanto à separação entre a ordem secular e os valores religiosos. Nesse modelo, não há religião oficial e as liberdades de consciência e de crença são garantias constitucionais. (WELTER, 2015, p. 20)

A laicidade não permite que o Estado se vincule a qualquer grupo religioso, tendo que permanecer neutro e estimulando a igualdade e a não discriminação entre suas instituições e suas cidadãs. Ela também é frequentemente reafirmada nas diferentes parcerias internacionais nas quais o Brasil tem participado. A ideia de laicidade está presente em diferentes momentos da Constituição Brasileira, como no Artigo 19:

Art. 19. É vedado à União, aos Estados, ao Distrito Federal e aos Municípios:
I - estabelecer cultos religiosos ou igrejas, subvencioná-los, embaraçar-lhes o funcionamento ou manter com eles ou seus representantes relações de dependência ou aliança, ressalvada, na forma da lei, a colaboração de interesse público; (...). (BRASIL, 1988)

Também é interessante salientarmos a diferença entre laicização e secularização. Esta está ligada diretamente à sociedade e o afastamento desta da influência religiosa, impedindo que as religiões interfiram no cotidiano da sociedade. Aquela, como já vimos, busca afastar o Estado da religiosidade, porém não impede o afastamento entre a sociedade e a religião. (ORO, 2008 apud WELTER, 2015, p. 32)

Segundo Giumbelli, para a laicidade ser vista como um valor comum e necessário, ela tem que passar por três princípios: (a) o da **separação**, que garante o não envolvimento entre as religiões e o Estado. Este também garante que o Estado assegure as expressões religiosas, mas também pedem que as religiões adaptem seus dogmas com as leis estatais. (b) O da igualdade pede que o Estado trate todas as religiões como iguais, mas também que as religiões não façam exigências particulares ao Estado. (c) O da liberdade de consciência permite toda religião de expor seus ideais em debates públicos, mas, ao mesmo tempo, incentiva o Estado a proteger @s cidadãs de qualquer imposição religiosa. (Giumbelli, 2004 apud WELTER, 2015, p. 32). Percebemos assim, que, ao mesmo tempo em que a laicidade busca garantir de forma

igual o direito de liberdade religiosa às diferentes crenças, também busca proteger @ cidadã de exigências e particularidades de diferentes instituições religiosas; dentro ou fora das escolas.

A laicidade deveria garantir para as escolas vinculadas ao Estado a imparcialidade pedagógica e a liberdade de expressão entre seus componentes, levando à valorização da diversidade cultural e também religiosa, evitando qualquer forma de proselitismo. Exigir de a escola dever de respeitar as diferentes religiões presentes na comunidade escolar como um todo, sem privilegiar nenhuma, seja ela maioria ou minoria; assim como o dever de combater qualquer tipo de preconceito ou discriminação sofrida por seus alunos, não importa qual religião creem ou praticam. Porém o conceito de laico presente no Estado não traz tais garantias à cidadã; talvez apenas um ideal moral que deveria ser seguido, mas que o preconceito e a discriminação para com as religiões não o permitem.

3. @S ALUN@S UMBANDISTAS

O “estudo de caso” apresentado neste capítulo vai fornecer uma breve ideia se realmente @s alun@s umbandistas ou frequentador@s de religiões de matriz africana são grande minoria nas escolas, assim como demonstrar o comportamento dest@s em sala de aula diante de alun@s e professor@s. Para escolher uma turma para “estudo de caso” foi levado em conta, não somente a quantidade de alun@s presentes nessa, mas também o espaço de tempo para a pesquisa. Assim, as opções para a pesquisa foram apenas as onze turmas matutinas de um colégio o qual ministro aula; ou seja, todos são meus alun@s, o que aproxima mais no momento das entrevistas.

A pesquisa desenvolveu-se em três fases. A primeira teve como objetivo saber as religiões praticadas por ess@s alun@s e em qual das turmas prevalecia as religiões de matriz africana, mais especificamente a Umbanda, para assim escolher qual turma participaria do “estudo de caso”. A segunda fase veio com a escolha da turma e as entrevistas feitas com @s alun@s desta, que aceitassem participar da pesquisa. E a terceira fase traz a análise e o cruzamento dos dados coletados com as informações teóricas, chegando à conclusão partindo da problemática proposta.

3. 1. PRIMEIRA FASE: RESULTADOS E ESPECIFICIDADES

A pesquisa feita com as 11 turmas do período matutino nos possibilitou a escolha da turma 14 para o “estudo de caso”, sendo esta a que mais possuía alun@s que afirmavam pertencer à Umbanda. Para tal, foi produzido um pequeno questionário com duas breves questões (Anexos): Você frequenta ou tem contato com alguma forma de culto, missa, sessão ou ritual religioso? Se sim, qual? Naquela, @ alun@ tinha as opções de “sim” ou “não” para assinalar; e neste os estudantes deveriam escrever o nome de uma religião a qual praticasse. Para que a quantidade de influência sobre @s alun@s fosse a menor possível, foi solicitado que uma outr@ funcionári@ do colégio fizesse a pesquisa junto aos alun@s, informando apenas que era um trabalho feito por um acadêmico da Universidade Federal de Santa Catarina.

Apresentarei agora, ano por ano, o resultado da primeira fase da pesquisa, salientando as especificidades que se destacaram em algumas turmas. De acordo com o que apareceu na pesquisa. Foi produzido uma tabela (Anexos) com sete opções de religiosidades (católic@, espírita, evangélic@, umbandista/candomblecista, cristã, diversas¹⁵ e outras) e @s que

¹⁵ Alunos que afirmam frequentar mais de uma religião.

assinalaram que “não” frequenta e “não” têm contato com nenhuma forma de culto, missa, sessão ou ritual religioso.

Com as turmas dos primeiros anos, dos cento e trinta e quatro alunos que participaram da pesquisa¹⁶, a grande maioria se afirma como católic@ e evangélic@, estando estas em quantidades semelhantes, onde os evangélic@s ficam acima somente na turma treze. Cinco afirmam-se como espíritas, porém uma diz pertencer a esta religião assim como ao Catolicismo; e outro ao Espiritismo juntamente com a Umbanda. Mesmo junto à ess@ que possui religiões diversas, a quantidade de umbandista chega somente a três alun@s, ficando apenas acima de um único alun@ que foi caracterizad@ na categoria de “outras”, colocando-se como maçom. Interessante é salientar que trinta e quatro d@s pesquisad@s assinalaram o item “não”.

Consequente, dos sessenta e dois alun@s pertencentes aos segundos anos, a quantidade de evangélic@s prevaleceu a de católic@s, tanto nas três turmas quanto em seu total; até mesmo acima dos que assinalaram o “não” (vinte e um alun@s). É interessante salientar que, dos três alun@s que se afirmam pertencentes às religiões de matriz africana, um deles especificou pertencer à Umbanda Almas e Angola, sendo o único de toda a pesquisa; e outr@ destacou pertencer ao Candomblé, também @ únic@ na pesquisa.

Agora em relação aos setenta e nove alun@s das turmas de terceiros anos, as religiões evangélicas e católicas igualam-se às turmas dos segundos anos, até mesmo quando relacionadas aos que assinalaram o “não”. Apenas três se colocam como umbandistas. É interessante salientar algumas especificidades desses terceiros anos. Um dos alunos que assinalou “não”, completou com a seguinte frase: “Deus não está ligado a lugar, mas sim à pessoa”. Cinco alun@s foram caracterizados como “outros”; entre eles, um está pesquisando a Wicca, outro se afirmar agnóstico e um último escreveu ser “judaístico”. Dois outros casos se destacam: dois afirmaram simplesmente frequentar “igreja”, sem destacar nenhuma religião e outra, ao mesmo, tempo que assinalou “não” escreveu ser “evangélica”.

Uma boa parte d@s alun@s se afirmou como cristão ou pertencer à igreja cristã, o que ficou difícil salientar uma religião em específico, mas, por esse motivo, criou-se o tópico: “cristã”. E apenas quatro alun@s assinalaram sim e afirmaram estar frequentando pelo fato de a família obrigar ou apenas a família frequentar.

¹⁶ É interessante salientar que nem tod@s @s alun@s das turmas participaram da pesquisa devido o provável número de faltas no dia.

3. 2. A ESCOLHA DA TURMA 14

A escolha da turma 14 não foi feita de forma aleatória. A quantidade de alun@s que participaram da primeira fase da pesquisa totalizou vinte e seis, destes, somente dois foram inseridos na categoria “umbandistas/candomblecista”, sendo que os dois apresentaram-se como umbandistas e outro ficou na categoria “diversas” colocando-se como espírita/umbandista. É interessante salientar que a turma 33 também teve duas alun@s na mesma categoria em questão, porém uma se considera umbandista e outr@ candomblecista, e ao mesmo tempo, nenhum na categoria: “diversas”. Como o foco é na Umbanda, a turma 14 apresentou-se como a de melhor escolha para o “estudo de caso”.

Comparando-se a turma 14 com o restante das turmas pesquisadas, cinco destas possuem apenas um estudante que se afirma umbandista¹⁷ e quatro não possuem nenhum estudante nessa categoria. Como se colocou no primeiro capítulo, muit@s adept@s da umbanda, até mesmo a própria comunidade umbandista, têm o costume de se afirmarem espíritas, seja por costume mesmo ou talvez uma forma de se tornarem invisíveis, querendo fugir do preconceito; assim como @ alun@ que se afirmou espírita/umbandista. Os próprios terreiros também usam métodos para se invisibilizar, instalando-se nos fundos das casas e evitando o termo “terreiro”, utilizando nomes como “templo”, “tenda” ou “centro”. (NEGRÃO, 1996, P. 165) Talvez ess@s alun@s estejam se invisibilizando, afirmando-se como católicos, quem sabe, por frequentarem, mas não se considerarem umbandistas, ou mesmo querendo se esconder em meio àqueles que assinalaram “não”. Deixo bem claro que essas ainda são hipóteses.

3. 3. SEGUNDA FASE: REVELAM-SE @S UMBANDISTAS

Nessa fase começaram as entrevistas com a turma 14, desta vez com mais duas alun@s do que na primeira fase, alun@s ess@s que chegaram na turma após o dia da passagem do questionário. Para manter a privacidade d@s entrevistad@s, os nomes dos alun@s serão substituídos por nomes fictícios.

Durante a primeira fase encontramos na turma 14, dois alunos que se afirmavam como umbandista e outra como espírita/umbandista. Durante as entrevistas foram encontrados dois alunos que frequentam a umbanda assiduamente e se afirmaram pertencente a ela e outra

¹⁷ Como na primeira fase da pesquisa não foi exigido o nome nem mesmo o gênero do participante, não é possível identificar se o gênero do indivíduo.

aluna que também frequenta assiduamente, porém se afirma espírita /umbandista, concordando com o encontrado na primeira fase.

Um dos alunos que provavelmente se colocou como umbandista na primeira fase foi Eduardo, de dezesseis anos. Morando em um bairro vizinho à escola, frequenta a Umbanda desde pequeno e se integrou à religião faz três anos. De acordo com ele, grande parte de sua família frequenta a religião; salientando também, que nela, o aluno encontra pouquíssimo preconceito.

De acordo com Eduardo, é na escola que encontra grande parte do preconceito. Ao ser perguntado que tipo de preconceito ele sofre na sala de aula, o garoto responde: “Eles falam que essa nossa religião é parte de macumba, só faz mal pros outros, não traz conforto, não traz nada.” (EDUARDO, 2016) Eduardo também comenta uma das poucas discussões que teve em sala de aula com outro colega em relação à Umbanda: “Ele falava que essa religião é religião do demônio, que ele queria salvar todo mundo que era dessa religião” (EDUARDO, 2016). Este é o aluno Marcos, que também participou da pesquisa, se apresentando como católico e frequentador assíduo de sua religião. Marcos comenta que se interessa muito em estudar e conhecer as outras religiões e que do pouco que ele pesquisou sobre a Umbanda: “(...) em relação à essa religião, é muita superstição (...). Tomar banho de sal, essas coisas assim. Chinelo virado, vai morrer a mãe. (...) Depois de eu ter pesquisado tanto, eu vi que eles lidam bastante com ‘espiritismo’, mas eu não entendi muito.” (MARCOS, 2016)

Percebemos a partir desses dois relatos o quão o preconceito está intrínseco n@s alun@s, mesmo quando há o interesse em pesquisar e conhecer melhor a religião d@ outr@. Percebemos o quão o frequentador de uma das religiões que mais “prevalece” na sociedade brasileira, como o Catolicismo, mesmo tentando manter-se livre de preconceito, ainda vê sua religião como sendo a única capaz de “salvar” aqueles vistos como “religião do demônio”, os umbandistas.

Em relação à atitude perante o preconceito sofrido, Eduardo afirma que prefere ficar em silêncio para evitar conflitos em sala de aula junto às coleg@s. Sua atitude é confirmada através d@s pouquíssim@s colegas que o reconhecem como umbandista. Ao ser questionado em relação à sua guia de anjo-de-guarda, colar de contas brancas, usado como proteção no dia a dia, e que, de certa forma, identifica um umbandista, Eduardo afirma que prefere não o usar, para evitar ser identificado (Eduardo, 2016). A aluna Carla (que se afirma espírita/umbandista e que comentarei mais à frente), mesmo não escondendo sua identidade religiosa, prefere usar sua guia enrolada no pulso, e não pendurada no pescoço (CARLA, 2016).

Outra característica que identifica uma umbandista é seu período pós-camarinha, onde, após seu tempo de reclusão religiosa (que varia de ritual para ritual), @ umbandista deve vestir-se somente com branco e manter sua cabeça sempre coberta. Mesmo achando que não há problemas em se vestir de branco, Eduardo foi orientado por sua mãe á, quando estiver em seu período de camarinha, ir à escola não estando vestido de branco, e quando chegar em casa após a escola, tomar um banho de ervas¹⁸. Mesmo sendo um procedimento complexo para ser feito diariamente, Eduardo concorda com sua mãe, pois, assim como ela, quer evitar os conflitos e preconceitos em sala de aula. Percebemos aí o quão um estudante esconde sua religiosidade para fugir do preconceito, chegando até mesmo a transpor as regras dos rituais de sua religião, neste caso, a Umbanda.

Outro aluno também demonstra, dentro de sala de aula, esconder sua postura como umbandista. O aluno Leonardo coloca-se como católico e umbandista e, ao mesmo tempo, apresenta seu pai como frequentador de um “centro espírita”. Não nego aqui a possibilidade de uma pessoa demonstrar-se multirreligiosa, porém, não é o que Leonardo demonstra; percebo nele, mais uma confusão de conceitos. Leonardo esclarece informando que está terminando a crisma¹⁹, o que demonstra que ele já passou pelos rituais anteriores da religião católica, talvez por seus pais, mesmo sendo umbandistas, terem exigido tal postura do jovem por seguirem os “costumes” de uma sociedade cristã. Mas Leonardo deixa bem claro em relação à sua presença na missa²⁰: (...) “eu só vou agora porque eu estou na Crisma, porque eu não ia antes, só ia no Centro Espírita mesmo.”

Percebe-se aí como o termo “Centro Espírita” está presente em seu vocabulário e apresenta-se como uma forma de invisibilidade presente em terreiros umbandistas para fugir do preconceito vigente na sociedade. Leonardo deixa claro o “Centro Espírita” ser um terreiro de Umbanda ao identificá-lo com a palavra Umbanda em algumas vezes e também ao descrever o ritual praticado lá dentro: (...) “A gente reza primeiro para começar a sessão²¹, aí

¹⁸ O branco e a proteção da cabeça (ori) têm o objetivo de proteger o adepto em seu momento de fragilidade espiritual durante o processo de camarinha. Não estando protegido, adquire diversas energias tidas como ruins no dia a dia e, ao chegar em casa, precisa tomar um banho de ervas como uma forma de limpeza espiritual (N. a.).

¹⁹ Crisma: No ocidente, o termo Confirmação sugere que este sacramento, ao mesmo tempo, confirma o Batismo e consolida a graça batismal (Catecismo, 1997, p.357).

²⁰ Missa: Ritual de eucaristia (N.a.).

²¹ Sessão: Ver, gira (N. a.).

depois ela começa a chamar os santos²² (...), aí tem os ogãs²³ que batucam, e aí tem os filhos de santo²⁴.” (LEONARDO, 2016)

Assim como o aluno Eduardo, Leonardo também ouviu comentários preconceituosos em sala de aula vindos de colegas, quase sempre em forma de piadas. Ele afirma que prefere permanecer em silêncio frente a esses comentários, e não defender a sua religião para evitar confrontos e discussões, assim como deixar que apenas seus colegas de classe mais próximos saibam de sua religiosidade (LEONARDO, 2016). Por sua postura durante a entrevista, acredito não ser ele um dos alunos que se afirmou como umbandista na turma 14 durante a primeira fase da pesquisa. E, como também não foi citado por nenhum outro colega da turma, percebe-se que ele consegue manter sua religião invisível perante aos colegas de sala.

Uma questão que sempre me perguntei é em relação a quem é considerado umbandista. Somente as pessoas que integram a gira²⁵? Ou quem visita frequentemente a assistência²⁶ de um terreiro também pode ser considerado umbandista? Esse não é nosso foco de pesquisa²⁷, porém salientei-o devido à postura do aluno Vagner, que mesmo frequentando como assistência, não se considera umbandista. Mas não cabe a mim, como pesquisador, julgar a fé do entrevistado baseado apenas em suas afirmações e atitudes.

Vagner deixa bem claro o quanto sua família frequenta a Umbanda, o quanto ele já frequentou e o quanto ainda o faz. Atualmente comparece pouco, comparado à quantidade de vezes que ia ao terreiro quando era pequeno, mas, de acordo com ele, o pouco tempo que possui devido aos seus atuais afazeres, acabou levando-o a se afastar dos terreiros.

“Eu não frequento nenhuma, eu não vou à igreja nenhuma (...) acredito em Deus, só, Mas grande parte da minha família é umbandista, aí sempre quando eu era pequenininho eu ia, com os meus avós, com as minhas tias, com meu irmão (...). Eu sempre fui, agora que eu parei um pouco. (...) eu sempre fui, então não tenho nada contra. Quando estou com a minha vó eu vou, quando estou com meu irmão eu vou, quando estou com eles eu vou.” (VAGNER, 2016)

²² Santo: Entidade, espírito muito evoluído, próximo à divindade (CACCIATORE, 1977, p.226).

²³ Ogã: Componente da gira que tem a função de puxar o ponto (cânticos) e batucar o atabaque (N. a.).

²⁴ Filho de santo: Médiun. Iniciado que tem a faculdade de servir de intermediário entre o mundo físico e o espiritual (Ibid, 1977, p. 127 e 172).

²⁵ Gira: Roda ritual, com cânticos e danças, para cultuar os santos e as entidades espirituais, formada pelos filhos de santo (médiuns). O mesmo que cangira e enjira. / Corrente espiritual formada por esses rituais. / Por extensão, sessão religiosa desses cultos, onde se forma essa corrente. (CACCIATORE, 1977, p. 131)

²⁶ Assistência: Parte do terreiro onde pessoas ficam observando a sessão e esperando para serem atendidas pelas entidades incorporadas. Por extensão, chama-se as pessoas que frequentam esse local. (N. a.)

²⁷ Quem pode ser considerado umbandista? é um tema que pede uma pesquisa mais aprofundada. (N. a.)

Percebe-se que grande parte de seus familiares mais próximos se consideram umbandistas: sua tia-avó e sua avó já foram líderes de um terreiro, assim como seu irmão pretende fundar um, depois de ter finalizado recentemente uma camarinha²⁸. Vagner não demonstra nenhuma aversão em afirmar que sua família é umbandista, porém deixa bem claro atualmente não possuir nenhuma religião, mesmo visitando poucas vezes os terreiros que seus familiares têm contato, como no ritual de saída de camarinha de seu irmão, o qual esteve presente recentemente.

Mesmo demonstrando uma segurança em relação à sua família, ao ser questionado se ele já frequentou a gira, Vagner responde com certo medo ou receio: “Não! Só lá vendo... fico só lá vendo” (VAGNER, 2016). E quando é perguntado se ele se considera umbandista, responde com um tom de dúvida: “Eu acho que não, porque até faz tempo que eu não vou, e porque não... sei lá, não vou, sabe.” (VAGNER, 2016) Percebo neste momento a negação, não somente pelo fato de não estar na gira, mas também pelo motivo de não incorporar entidades, assim como por “travar” sua fala na ora de falar (do que para ele parece ser um tabu) da incorporação.

Ao mesmo tempo em que Vagner se abre perante a religião, sendo avesso ao preconceito vigente sobre esta, ele se fecha como umbandista. Seja por medo, receio, ou talvez por não se sentir inserido dentro da religião por não incorporar, o aluno afasta-se da Umbanda. Mesmo seguro em relação à família umbandista, ele não se enxerga lá dentro (da religião), talvez devido a certo preconceito intrínseco na sociedade.

Ao ser questionado em relação ao preconceito, Vagner comenta que, assim como sua família, leva tudo na brincadeira. Quando o preconceito chega, ele afirma, de forma cômica, ser “macumbeiro”, pois, se levar a sério, só vai arrumar confusão. (VAGNER, 2016). A partir do depoimento do garoto, acredito não ser ele mais um que se afirmou umbandista na primeira fase da pesquisa.

Outra que não se afirma umbandista, porém têm contato com a religião é a aluna Isadora. Em seu depoimento ela começa afirmando possuir a própria crença e não praticar nenhuma religiosidade. Interessante é que no decorrer do depoimento ela diz crer na “vida após a morte” e em outros “planos”,²⁹ conceitos presentes no Espiritismo, religião na qual ela já frequentou. E encerra afirmando ter frequentado a Umbanda mesmo que poucas vezes.

²⁸ Camarinha: Ritual para que um médium suba de nível dentro da hierarquia umbandista, onde este fica recluso de três a sete dias, de acordo com o nível e o tio de umbanda que frequenta (N. a.).

²⁹ Planos: Conceito vindo do Espiritismo que se refere aos outros mundos existentes, que se organizam a partir de uma escala evolutiva e que, de acordo com a evolução espiritual do ser humano no decorrer de suas vidas, este passa, sempre em ascensão, por diversos desses mundos/planos. Para saber mais: Kardec, 1864 (N. a.).

Outro ponto que chama a atenção é seu comentário em relação ao fato de já, em outra escola, ter sofrido preconceito pelo fato de crer na Umbanda. Foi chamada de “macumbeira”, e mesmo se sentindo ofendida em certos momentos, muitas vezes argumentava para defender sua fé na Umbanda. (ISADORA, 2016)

Esta se mostra semelhante a Vagner, no sentido de inicialmente se apresentar como não tendo uma crença e logo depois de se sentir mais à vontade na entrevista, afirmar-se, talvez, não como umbandista, mas como frequentador desta religião.

A aluna Carla é uma das que se destacou na pesquisa pelo fato de ser a única d@s alun@s entrevistados que, aparentemente, não apresenta pudor em se dizer umbandista perante os colegas e professores. Observo isso como professor no dia a dia de aula com @s alun@s do matutino, com @s alun@s da turma 14 em específico e com a própria convivência junto à aluna. Até mesmo nas entrevistas, ao serem perguntad@s se conheciam algum alun@ na sala que fosse umbandista, grande parte citou a aluna Carla; assim como o quão ela se mostrou segura em relação à sua religião, durante a entrevista.

Tendo a mãe umbandista e o pai espírita, Carla se considera espírita/umbandista. Tendo a Umbanda presente em sua vida desde pequena, ela acredita que foi batizada na Umbanda. Aos quatro anos de idade já cambonava³⁰, após a morte de um ogã no terreiro em que frequenta, assume os atabaques durante um tempo, uma vez por semana. Há um ano Carla frequenta a gira como médium. Sempre comentando da trajetória de sua mãe nos terreiros, assim como sua vivência como médium vidente sensitiva³¹ no dia a dia, percebe-se o quão a Umbanda está presente em sua vida (CARLA, 2016). Isto está claro em sua própria fala:

“Se a pessoa vir falar para eu mudar de religião... Não! Eu tenho muito orgulho da minha religião. Eu sou criada na Umbanda, por sinal, se eu casar um dia, quero casar na Umbanda. Meu sonho é ter um casamento no terreiro. (...) Para qualquer pessoa que eu conheço nova, que eu crio amizade, eu falo: sou de terreiro, (...) sou umbandista” (CARLA, 2016).

Sua fala demonstra total segurança e certeza que tem em relação à sua religião. Mas Carla também já enfrentou diversas situações de preconceito, seja entre @s amig@s ou na própria escola. Um dos casos relatados ocorreu em outra escola onde Carla estudou no ano passado (2015), ainda no Ensino fundamental. Foi durante a apresentação de um slide para um trabalho de uma das disciplinas. Ao inserir o pen drive, que era de sua mãe, para a apresentação do slide, dentre o conteúdo daquele, havia algumas pastas intituladas “Curso de

³⁰ Cambonar: Prática do cambone. Auxiliar assistente de sacerdote ou dos médiuns incorporados (CACCIATORE, 1977, p. 77).

³¹ Médium vidente sensitiva: Médium que possui a faculdade de ver e sentir a presença de espíritos que estão ao seu redor (N. a.).

Umbanda” e outros temas em comum. Estas chamaram a atenção d@s colegas que passaram a rir e debochar da garota. Algum tempo depois, a aluna descobre que, uma d@s coleg@s que tomaram tais atitudes, também era umbandista (CARLA, 2016). O mesmo fato também foi relatado pela aluna Barbara, que relata o fato da seguinte forma: “Esses dias a gente foi apresentar um trabalho, daí a menina estava com um pen drive. Quando ela abriu estava escrito: Curso de Umbanda em uma pasta do pen drive dela. Aí ficou todo mundo falando: Aí! Ela vai fazer macumba pra gente” (BARBARA, 2016).

Mesmo enfrentando tais preconceitos, Carla demonstra firmeza ao defender sua religião, seja explicando às que buscam entender melhor a Umbanda ou mesmo batendo de frente com o preconceito, muitas vezes de forma ríspida: “O que eu tenho ódio é de a pessoa chegar para mim e falar: tu és macumbeira! Eu vou olhar para a cara dela e falar: tu és ignorante, porque tu não sabes nem qual é o significado de macumba”.

Mesmo observando toda a segurança de Carla em favor da Umbanda, tendo pertencido à religiosidade desde pequena, nos cabe comentar o fato de ela denominar-se espírita/umbandista. Talvez pelo fato de o pai frequentar o Kardecismo³² e a mãe a Umbanda, mas isso contradiz totalmente toda a inserção da aluna na religião de matriz africana, assim como, em um momento ela deixa claro pertencer à Umbanda Branca³³. Seria uma contradição, ou apenas uma confusão de nomenclaturas? Uma conversa que Carla teve com o aluno Vagner, relatado por este, nos acrescenta mais a este questionamento: “Eu vi que ela tinha uma guiazinha³⁴ daquelas no braço. Eu perguntei pra ela: que religião que tu era? Aí ela disse que era espírita. Aí outro dia eu perguntei: mas tu é espírita mesmo ou umbandista? Aí ela falou que era umbandista.” (Vagner, 2016)

A confiança de Carla e a sua apresentação como espírita/umbandista tanto na primeira fase da pesquisa quanto na entrevista, assim como o fato de ela colocar-se como espírita perante a um colega de classe que a questiona; esses fatos podem ser vistos como uma contradição. Mas o que leva alguém que se sente umbandista, apresentar-se como espírita perante colegas? Essa resposta não é simples e também não iremos chegar a uma conclusão plena neste trabalho.

3. 4. A PEDAGOGIA DO INSULTO

³² Kardecismo: Espiritismo. Religião criada por Allam Kardec no século XIX, que traz a crença na vida após a morte, na evolução do ser humano em outros planos e no contato de vivos com espíritos já falecidos (N. a.).

³³ Umbanda branca: Culto umbandista muito próximo do Kardecismo e que usa roupas e sapatos brancos, mesa, sobre assoalhos de madeira (CACCIATORE, 1977, p. 243).

³⁴ Guia: Colar ritual de miçangas ou contas de vidro ou louça, da cor especial de cada orixá ou entidade (Ibid. 1977, p. 133).

Muitos dos comportamentos apresentados pel@s alun@s em questão como Eduardo, Leonardo, Vagner e Isadora, até mesmo Carla, talvez estejam ligados com a postura das escolas como um todo, desde @s professor@s, a direção e até mesmo @s alun@s que nela estudam.

A pesquisadora Tânia Welter apresenta o conceito proposto por Rogério Junqueira, chamado de “pedagogia do insulto”; esta é constituída por piadas, brincadeiras, apelidos ofensivos, agressões verbais, expressões desqualificantes, diversas formas de ofensas que agredem diretamente àqueles que não estão inseridos nos padrões propostos pela sociedade, como as religiões de matriz africana.

“As práticas discriminatórias são pautadas e repetidas incansavelmente no espaço escolar, ora através de mensagens normatizadoras, ora através do silêncio e do consentimento da violência. Por meio da ‘pedagogia do insulto’, estudantes e educadores aprendem a ser hostis a estes grupos, servindo como poderoso mecanismo de silenciamento e dominação simbólica.” (Id. 2015, p. 21)

A “pedagogia do insulto” é uma forma de a escola organizar e (re) produzir identidades sociais, monoculturalizando a sociedade. (Ibid. pg. 20-21)

Devido à “pedagogia do insulto” muit@s jovens buscam diferentes formas de se tornarem invisíveis dentro da escola, perante aos suas colegas e professor@s, evitando que sua religiosidade de matriz africana esteja à mostra. Na pesquisa feita por Stela Caputo, a autora acompanhou crianças de um terreiro de Candomblé no Rio de Janeiro durante 20 anos. Em seus contatos junto às crianças, observou que muitas sofriam retaliações na escola, tanto de colegas, quanto de professor@s, devido à sua escolha religiosa. (CAPUTO, 2012 apud WELTER, 2015, p. 19) Devido a tais retaliações, buscavam formas de se esconderem e perante seus colegas e professor@s de escola.

“Para se protegerem das agressões sofridas, muitos desses estudantes contaram que utilizaram estratégias para se tornarem invisíveis na escola, como: esconder seu pertencimento religioso; afirmar ser católico; participar de rituais de iniciação católica; não utilizar colares e guias; esconder ‘curas’; inventar doenças para justificar a cabeça raspada ‘para o santo’; entre outras”. (Ibid. pg. 19)

Em sua pesquisa, Caputo também apresenta a postura de professor@s perante alun@s frequentador@s do Candomblé. A maioria afirma desconhecer alun@s que praticam Candomblé em sua escola, e @s que conhecem evitam falar sobre o assunto com o objetivo de evitar conflitos dentro de sala de aula (Id. 2014, p. 180). Em relação especificamente às

professor@s de Ensino Religioso das escolas onde frequentam as crianças que Caputo pesquisou, estes afirmam não pensar sobre crianças que praticam Candomblé:

Dos 14 professores, nove responderam que nunca pensaram sobre crianças no Candomblé porque não acreditam que existam crianças que frequentem ou pratiquem Candomblé na escola. Uma das entrevistadas afirmou: “Não temos crianças com esse ‘problema’ aqui na escola, a maioria é católica”. Cinco professores afirmaram que acham “um absurdo” que crianças pratiquem o Candomblé. “As crianças não devem ser induzidas à macumba só porque os pais frequentam”, respondeu uma professora. Perguntei a essa professora se os pais católicos também não “induziam” seus filhos ao catolicismo quando os batizavam, levavam à missa, colocavam no catecismo para a Primeira Comunhão, etc. A professora respondeu: “Mas o catolicismo não é coisa do diabo, é a religião normal”. (CAPUTO, 2012 apud. OLIVEIRA, 2014, p. 313)

Tais atitudes estão inseridas na “pedagogia do insulto”, posturas preconceituosas e de caráter agressivo e muitas vezes humilhante em relação às alun@s. Tais posturas também levam alun@s praticantes de religiões de matriz africana a se invisibilizarem dentro das escolas, tomando atitudes contraditórias em suas vidas. Enquanto dentro dos terreiros @s jovens passam a adquirir responsabilidades na prática de sua religião; nas escolas eles passam a se sentir envergonhad@s e agredid@s.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Brasil, um país com imensa diversidade cultural provinda de diversas partes do mundo, moldada a partir da colonização, diferentes grupos migratórios, indígenas que já viviam aqui, e também, escrav@s trazid@s do continente africano. As diferentes etnias dos povos africanos inseriram diferentes características culturais na sociedade brasileira. Uma delas são as religiões de matriz africana, nas quais estão inseridos o Candomblé, Omolocô, Batuque e a Umbanda. Esta última com diferentes vertentes, como as duas citadas pel@s alun@s entrevistad@s neste trabalho, Umbanda Branca e Umbanda Almas e Angola.

A Umbanda faz parte de nossa sociedade, é parte de nossa cultura, possuindo uma ampla diversidade de adept@s, com diferentes classes sociais, etnias, gêneros e faixas etárias. Por este motivo, está presente em diferentes lugares do nosso dia a dia, inclusive dentro das escolas. Nelas podemos encontrar adept@s e frequentador@s entre @s professor@s, diretoria, funcionári@s e até mesmo entre @s alun@s. Mas como se pode observar e, como foi proposto por nosso breve estudo de caso, encontra-se pouc@s alun@s adept@s à Umbanda.

Neste trabalho podemos ter uma breve percepção de que esta minoria, talvez, não seja tão pouca assim. Pudemos perceber com o estudo de caso da turma 14, d@s cinco alun@s encontrad@s na segunda fase da pesquisa, apenas 3 haviam se apresentad@ na primeira fase; e dentre esses três alun@s, apenas uma se identifica como umbandista perante aos colegas e professor@s. Isto demonstra uma invisibilidade dess@s alun@s umbandistas, na grande maioria das vezes devido ao preconceito carregado por essa religião. Na escola, esse preconceito, vem inserido na pedagogia do insulto, que é o principal incentivo para que @s alun@s umbandistas se tornarem invisíveis dentro de sala de aula. Para adquirir tal invisibilidade, esses alunos usam de diferentes estratégias.

Os dois alunos da primeira fase da pesquisa que se esconde perante os colegas se chamam Eduardo e Leonardo. Os dois tentam apagar a religião no seu dia a dia escolar, onde apenas amig@s muito próxim@s os conhecem como umbandistas. Como demonstrou Caputo em sua pesquisa, eles evitam chamar a atenção para si em sala de aula, ficando mais reclusos e deixando de usarem guias e roupas ligadas à ritualística, chegando a “quebrar” ritos importantes para seu desenvolvimento religioso, como a utilização de roupas brancas após a camarinha. Sua principal justificativa é evitar conflitos.

Os outr@s dois alun@s que se esconderam na primeira fase da pesquisa, chamam-se Vagner e Isadora. A segunda, como também demonstrou Caputo, afirma-se pertencer ao Catolicismo, porém, no decorrer da entrevista demonstra ser frequentadora da Umbanda. O

primeiro, mesmo frequentando, coloca a Umbanda como a religião de seus familiares, e não a dele, onde a falta de tempo é que não o permite frequentar.

Mesmo demonstrando-se como Umbandista entre os colegas, a aluna Carla acaba utilizando-se de estratégias de invisibilidade religiosa perante os pouco íntimos, identificando-se como espírita. Religião bastante próxima à Umbanda aqui na Grande Florianópolis, porém, carregando menor preconceito sobre ela.

A invisibilidade praticada por ess@s alun@s umbandistas e o preconceito vindo da sociedade para com essa religião leva grande parte d@s professor@s a desconhecem a existências dess@s alun@s e, ao mesmo tempo, a pouca vontade daquel@s de querer saber e se informar da existência dessa religião e dess@s alun@s. Comparando a postura dess@s alun@s durante a entrevista, uma fala de certeza, de pertencimento, de sabedoria religiosa (até mesmo quando fala da religião de sua família); com a postura dess@s alun@s em sala de aula, onde el@s escondem e tornam invisíveis a sua religião; observa-se uma total dualidade, onde o orgulho sentido dentro do terreiro transforma-se em vergonha dentro da sala de aula.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BIRMAN, Patrícia, **O que é Umbanda**. São Paulo: Brasiliense, 1985
- BRASIL, **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicaocompilado.htm. Acesso em 24/08/2016.
- CACCIATORE, Olga G. **Dicionário de cultos afro-brasileiros**. Rio de Janeiro: Editora Forense, 1977.
- CAMARGO, Candido P. F. **Kardecismo e Umbanda: uma interpretação sociológica**. São Paulo: Pioneira Editora, 1961.
- ISAIA, Artur Cesar. Cidadãos acima de qualquer suspeita, os umbandistas pedem passagem no Rio Grande do Sul. “**Tempo da Ciência**”, 2000.
- KARDEC, Allan. **O evangelho segundo o espiritismo**. Arara: IDE, 1864. [2004]
- MARTINS, Giovani. **Ritual de Almas e Angola: a Umbanda catarinense**, Florianópolis: edição do autor. 2008.
- _____. **Umbanda de Almas e Angola: ritos, magia e africanidade**. Florianópolis: Ícone, 2011.
- NEGRÃO, Lísias Nogueira. **Entre a cruz e a encruzilhada: formação do campo umbandista e São Paulo**. São Paulo: Edusp, 1996.
- OLIVEIRA, Amurabi. **A Vez das Religiões Afro-Brasileiras no Ensino Religioso?** As possibilidades e limites abertos pela Lei nº 10.639/03. Disponível em: <https://numen.ufjf.emnuvens.com.br/numen/article/viewFile/2823/2157>
- _____. Caputo, Stelle Guedes. Educação nos terreiros: e como a escola se relaciona com crianças de candomblé. Rio de Janeiro: Pallas, 2012. 296p. **Debates do NER**. Porto Alegre: ano XV, n 26, p. 307-316, jul./dez., 2014.
- ORTIZ, Renato. **A morte branca do feiticeiro negro: umbanda e sociedade brasileira**. São Paulo: Brasiliense, 1999.
- PEDRO, Vanessa. **Almas e Angola: ritual e cotidiano na umbanda**. Florianópolis: Biblioteca Imaginária, 1999.
- SANTA CATARINA. **Legislação da educação básica de Santa Catarina**. Disponível em: <http://server03.pge.sc.gov.br/LegislacaoEstadual/1998/000170-010-0-1998-000.htm>. Acesso em 26/08/2016.

- TRAMONTE, Cristiana. **Coma a bandeira de Oxalá: trajetórias, práticas e concepções das religiões afro-brasileiras na Grande Florianópolis.** Itajaí: UNIVALI, 2001.

- WELTER, Tânia. Educação laica e ensino brasileiro. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 2 – Módulo II – Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. 141 p. Livro didático. p. 57-68.

- WELTER, Tânia. Ensino, religião e educação. In: GROSSI, Miriam Pillar; GARCIA, Olga Regina Z.; MAGRINI, Pedro Rosas (org.). **Livro 2 – Módulo II – Gênero, diversidade sexual e religião; As diferenças de gênero no espaço escolar.** Florianópolis: Instituto de Estudos de Gênero / Centro de Filosofia e Ciências Humanas / UFSC, 2015. 141 p. Livro didático. p. 57-68.

- YOUCAT BRASIL. **Catecismo jovem da Igreja Católica.** São Paulo: Editora Paulus, 2013.

6. ANEXOS

TERMO DE CONSENTIMENTO

UNIVERSIDADE FEDERALE DE SANTA CATARINA
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS INSTITUTO DE ESTUDOS DE
GÊNERO CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM GÊNERO E DIVERSIDADE NA ESCOLA

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu _____
RG _____ residente _____
_____ abaixo assinada/o, fui informada/o e convidado/a a participar da pesquisa: “A Umbanda na sala de aula: a relação de alunos umbandistas com sua religiosidade dentro de uma turma do Primeiro Ano do Ensino Médio”, realizada pelo/a aluno/a do Curso de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola Thiago Linhares Weber cujo objetivo é: fazer uma análise da relação entre as Religiões de Matriz Africana, mais especificamente a Umbanda, e alunos de Ensino Médio dentro de uma sala de aula, assim como suas posturas perante seus colegas de classe.

Foi-me garantido que tudo que eu responder será confidencial e que meu nome será mantido em sigilo.

Fui informado/a que não estarei correndo risco decorrente de estar participando da referida pesquisa. Também fui informado/a que tenho o direito de não responder a qualquer pergunta que não deseje e que em qualquer momento, posso desistir de participar da pesquisa, sem que isto me traga qualquer tipo de prejuízo.

Para qualquer esclarecimento, poderei entrar em contato com o prof. orientadora Dr. Eduardo Meinberg de Albuquerque Maranhão Filho ou com o pesquisador Thiago Linhares Weber.

São José, 10 de outubro de 2016.

Assinatura da participante ou impressão
digital: _____

Assinatura do/a pesquisador/a:

Assinatura do representante legal (caso seja menor de idade):

QUESTIONÁRIO - PRIMEIRA FASE

Você frequenta ou tem contato com alguma forma de culto, missa, sessão ou ritual religioso?

SIM

NÃO

Se sim, qual? _____

TABELA: TURMA/RELIGIÃO

Religiões	Turmas	10	11	12	13	14	21	22	23	31	32	33
Católica		06	09	10	07	07	03	09	04	08	07	01
Evangélica		05	08	05	11	09	06	11	06	09	12	06
Espírita		00	00	02	01	02	01	00	01	01	01	00
Umbandista/Candomblecista		01	00	00	00	02	01	01	01	01	00	02
Cristã		00	01	01	01	00	00	01	00	00	01	00
Diversas		00	04	01	00	01	01	00	00	03	00	00
Outras		01	00	00	00	00	00	00	00	00	02	03
Não		08	05	06	10	05	01	07	13	03	08	11